

# ARQUEOLOGIA & História

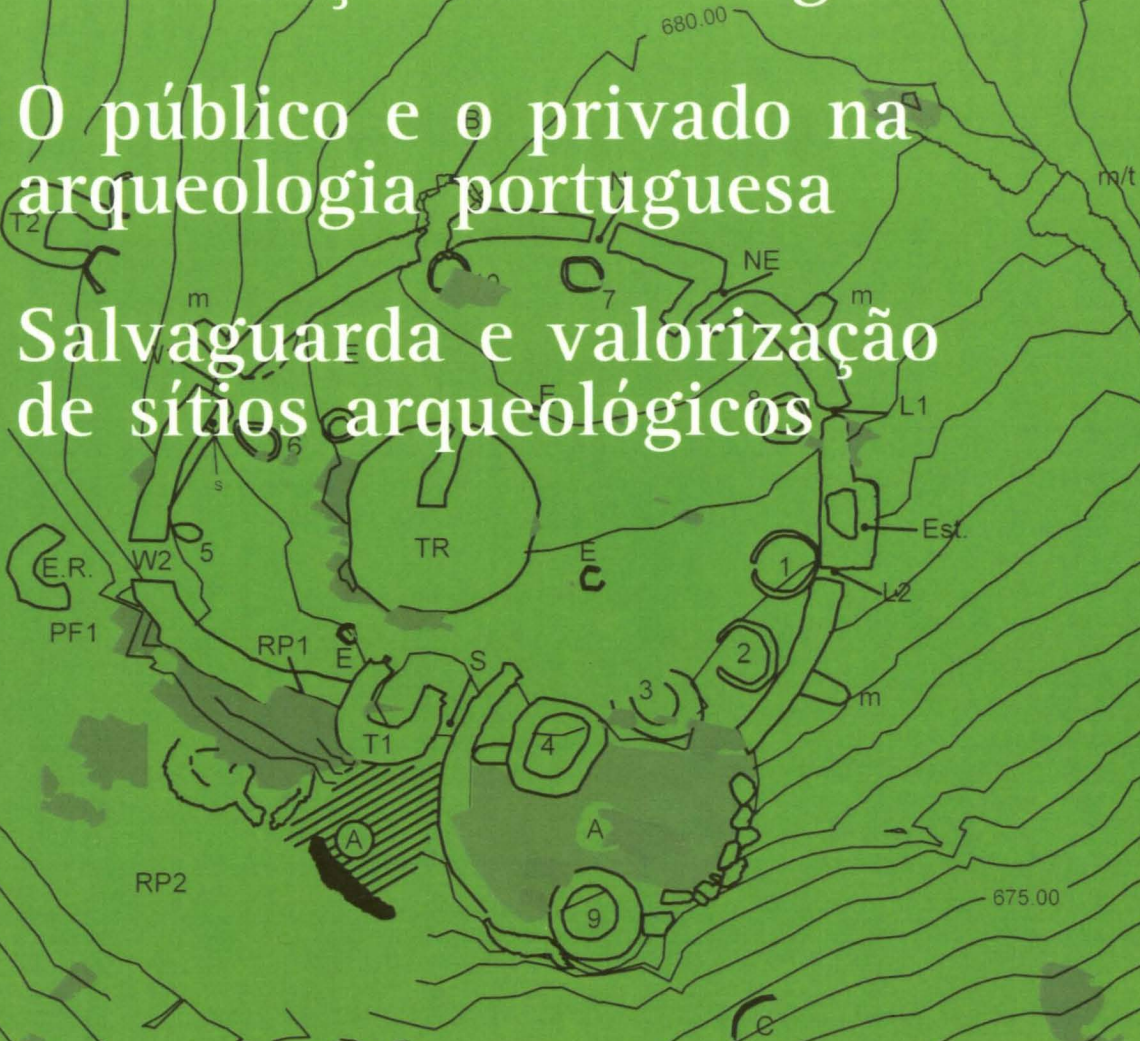


Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

## Neolitização em Portugal

O público e o privado na  
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização  
de sítios arqueológicos



Titulo  
Arqueologia e História

Volume  
55

Edição  
Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa  
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52  
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção  
José Morais Arnaud

Coordenação  
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico  
*oficina de design* Nuno Vale Cardoso Et Nina Barreiros

Impressão  
Publidisa

Tiragem  
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses  
ISSN  
972/9451-39-7

Solicita-se permuta  
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva  
responsabilidade dos respectivos autores

# O al-Andalus e o povoamento da serra algarvia.

Teresa Júdice Gamito

## Resumo

O al-Andalus ficou conhecido na História da Península Ibérica como um período em que o brilho da civilização e da cultura aqui desenvolvidas, essencialmente de cariz Árabe e Berbere, brilharam numa Europa rude e desarticulada, que a civilização Romana tinha marcado tão decisivamente. Este trabalho é uma reflexão sobre os principais acontecimentos que antecederam o al-Andalus, o seu período áureo e o contributo que teve nas épocas imediatamente posteriores. Foi, como sabemos, um longo período de cerca de 400 anos, ímpar em termos peninsulares, em que a Península Ibérica brilhou e influenciou toda a Europa do seu tempo. Também não foi por acaso que aqui surgiu o al-Andalus, nesta ponta da Europa, não se tornando a repetir na História. Constituiu um momento em que Cristãos, Muçulmanos e Judeus se aceitaram com predominante tolerância e amizade.

Faremos referência a três períodos essenciais:

1. O que se passou na Península Ibérica entre os séculos V e VIII;
2. O período Islâmico e o al-Andalus e características do povoamento da Serra algarvia;
3. Os traços e influências deixados na cultura e civilização da Península depois dos séculos XIII/XIV

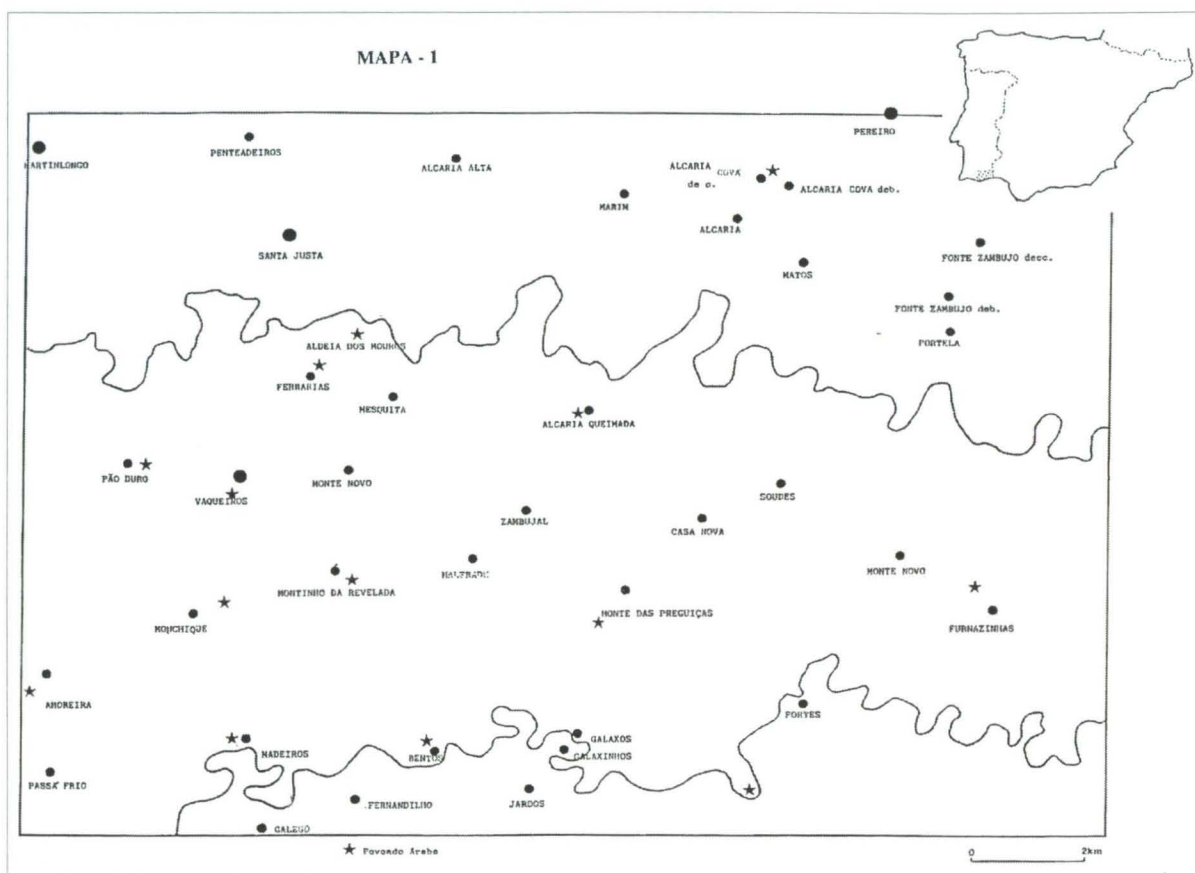
Não se poderá falar do território Português, ao tempo do *al-Andalus*, sem o integrar no grande espaço sócio-cultural de todo o sul de Espanha e dos acontecimentos que o antecederam e se seguiram. O próprio nome de Algarve, *Al-Gharb*, nos fala dessa relação profunda: o *Gharb*, *al-Gharb*, não era senão a região mais ocidental do al-Andalus e os reis de Portugal sempre foram designados por "Reis de Portugal e dos Algarves".<sup>1</sup>

Entre os séculos VIII e XV a dinâmica que se desenvolveu no processo social, civilizacional e cultural desta vasta região varia de acordo com os diferentes momentos que vamos tomando em consideração. Há assim um constante devir, uma constante transformação. A momentos de grande instabilidade e mudança outros se seguem de grande estabilidade, nos quais a relação estabelecida entre as diversas religiões e grupos étnicos da população, se desenvolve em grande equilíbrio e harmonia. No entanto, este equilíbrio e harmonia não se conseguiram sem custos, e os tempos da Alta Idade Média foram sempre violentos e difíceis. Embora em todo este processo a grande maioria da população se mantivesse basicamente a mesma, como resultado dos diferentes aditamentos étnicos que se processaram ao longo dos séculos e em que apenas as minorias dominantes foram mudando, os ajustamentos gerais da população não se fizeram sem dificuldades, quer fossem maiores ou menores.

Podemos considerar neste processo três grandes momentos no que diz respeito ao território português:

1. O primeiro, entre o século V e o século VIII, que em certo sentido preparou e precedeu a chegada dos Muçulmanos e que já apresentava um elevado grau de cultura e civilização, único na Europa de então;

2. O segundo, a expansão Islâmica e o domínio da Península – *al-Andalus* – que apresenta igualmente quatro momentos importantes: a) a invasão e a conquista; b) o domínio Islâmico, mais ou menos pacífico, com o colapso do emirato de Córdova que mais tarde se transformou em califado e a sua fragmentação em pequenos reinos, as *taifas*; c) o lento processo da *Reconquista*; d) a evidência da permanência Islâmica e na Serra do Caldeirão (estudo de caso efectuado na Freguesia de Vaqueiros)



Mapa 1. Distribuição espacial das alcarias, Freguesia de Vaqueiros (Algarve, Portugal): círculo = povoado Cristão ainda existente; estrela = antigo povoado Islâmico abandonado.

3. O terceiro, a persistência de traços culturais e sociais, de formas de mentalidade, de comportamentos e formas de arte, que perduraram nos séculos seguintes e que, em muitos aspectos, chegaram aos nossos dias.

### Entre os séculos V e VIII

Por todo o lado, as últimas décadas da existência e domínio do Império Romano do Ocidente foram marcados por uma intensa desordem social e alarmante abuso administrativo. Foram apenas acentuados com a real desintegração do Império Romano, com os ataques constantes e as invasões dos povos germânicos ao longo das suas fronteiras orientais. No entanto, os Visigodos conseguiram tornar-se aliados dos Romanos e quando ocorreram as invasões da Península Ibérica pelos povos Germanos, estas forneceram uma boa desculpa para

que os Visigodos, já bem estabelecidos na *Narbonense*, entrassem na Península Ibérica atravessando os Pirinéus em seu auxílio. Vieram portanto auxiliar as populações romanas das áreas adjacentes, designadamente da *Terraconense*, a combater as invasões Bárbaras. O mesmo se poderá dizer dos Bizantinos, que vieram, para recuperar para a Cristandade, as costas do Mediterrâneo<sup>2</sup>, na esperança de conseguirem recuperar o antigo território e domínio Romano e que, por essa ocasião, se encontravam já bem estabelecidos no norte de África. Os Bizantinos estabeleceram-se no sul da Península Ibérica depois de aqui terem penetrado para apoiarem Atanagildo, contra Atila, na sua luta pelo poder. Acordaram um tratado de paz com os Visigodos, segundo o qual poderiam estabelecer-se em Córdova e conquistar o território peninsular para ocidente. Na Península Ibérica fundaram um reino em Córdova ou Cartagena e deveriam assim ter ocupado todo o sul da Península Ibérica por volta de 554. Évora ou Évora teria sido o seu ponto mais a norte. Em todo o caso, teria sido no

Algarve que se estabeleceram mais tempo até ao ano de 624 (Goubert 1950; Júdice Gamito 1996).

O prestígio e a influência do Império Romano do Oriente eram enormes, e Constantinopla uma cidade monumental, magnificente e luxuosa. Ao longo de toda a Alta Idade Média, a *Dark Ages* como lhe chamaram os Ingleses, Constantinopla brilhava com a sua cultura, requinte, civilização e riqueza, permanecendo o guardião da Civilização Romana Ocidental, e de tudo o que culturalmente a Humanidade adquirira até então. Interessante sublinhar que o impacto imediato das invasões dos Bárbaros sobre o Império Romano do Ocidente não foi sentido como estando na origem de uma total transformação na vida das pessoas, ou na perda total do modo de estar na vida segundo o modelo previamente estabelecido, apesar das formas violentas que assumiu. Os diferentes povos que viviam dentro daquele vasto território continuaram a viver como antes e a considerar-se como Romanos<sup>3</sup>. Só a pouco e pouco foram sentindo as alterações que se foram introduzindo com o tempo, as dificuldades de abastecimentos, as alterações do grande mercado que fora o Império Romano do Ocidente. Assim, quando Atanagildo pediu ajuda a Justiniano, contra o seu rival Agila, o Imperador Bizantino enviou-lhe Liberius, um chefe militar muito experimentado, para o ajudar na Península Ibérica contra os exércitos de Agila. As fontes históricas são escassas no que diz respeito ao domínio Bizantino na Península. Sabemos, no entanto, que Liberius estabeleceu o seu quartel general em Córdova ou Cartagena entre 551 e 554.

Entre os chefes Bizantinos na Península Ibérica apenas se conhecem alguns nomes. Um foi *Comentiolus*, que veio ajudar Leovigildo, rei dos Visigodos, contra o filho Hermegildo. Hermegildo tinha-se tornado cristão e governava em Sevilha, tendo-se rebelado contra o pai, mas foi vencido e morto em Tarragona. Outro famoso chefe bizantino na Península Ibérica foi *Cesaricus*<sup>4</sup>. Derrotado pelo rei Sisebuto, o seu território reduziu-se ao Algarve onde Ossónoba (Faro) se tornou a sua praça forte na Península Ibérica e onde terão permanecido até 624.

Em relação a este aspecto, o trabalho de investigação desenvolvido por Goubert (1950) parece ser o

melhor até aqui realizado. Um aspecto importante é aquele, referido por Goubert, que refere a ausência dos bispos de Ossónoba nos concílios da Igreja Católica, e que poderá ser um bom indicador da presença e domínio bizantinos na região. Entre a presença de *Petrus Ossonubensis* no 3º Concílio de Toledo, portanto entre 589 e 653, nenhum bispo de Ossónoba esteve presente ou assinou o 4º, 5º, 6º e 7º *Concilia*. Apenas no 8º Concílio, no ano de 653, um representante do bispo de Ossónoba assinou o seu nome nos livros: "*Sagarellos, diaconus Saturnini episcopi ecclesia ossonobensis.*" Portanto, a ausência da presença dos bispos de Ossónoba ou seus representantes naqueles concílios seria, de acordo com Goubert, devido ao facto de que toda a região estar sob o domínio da Igreja Ortodoxa.<sup>5</sup> Foi no reino de Suintila que os Bizantinos foram forçados a abandonar a Península Ibérica e que esta se tornou num único reino Visigótico com excepção do reino dos Suevos e algumas zonas isoladas da Cantábria.

Os documentos sobre o domínio Bizantino na península são escassos podendo encontrar-se documentação interessante nas *Fontes Hispaniae Antiquae*, IX. Para os tempos dos Visigodos e Bizantinos as melhores fontes antigas são as *Chronicle CaesarAugustana*, *Lex Romana Visigothorum*, *Historia Gothorum Wandalorum Sueborum* de Santo Isidoro de Sevilha, ou a obra de S. Martinho de Braga, *Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia* editada por C.W.Barlow. Sobre a ocupação e povoamento Árabe é importante a obra de Menendez Pidal, *Orígenes del Español, Estado linguístico de la Peninsula hasta el siglo XI*, Madrid 1976, bem como a de J. Vives, *Concilios visigóticos e hispano-romanos*. Ainda entre os historiadores portugueses destacam-se A. Herculano, *História de Portugal*, J. Mattoso, *Identificação de um País*, A. Oliveira Marques, *História de Portugal*, e ainda as fontes Árabes publicadas em *Ajbar Machmua* e sem dúvida a *Geografia* de Idrisi. De mencionar ainda o *Corpus Scriptorum Muzabitorum*, editada por Juan Gil, bem como o estudo de A. Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*.<sup>6</sup>

As elites dominantes eram naturalmente godas. Teriam uma percentagem de cerca de dois por cento da população de acordo com Orlandis (1975). A maioria da população era naturalmente Hispano-Romana,

designados por *Romani*, mais numerosos e sofisticados, especialmente nas zonas onde a Romanização fora mais forte como nas províncias da Bética e da Lusitânia. Mantinham os seus costumes e modo de vida como se nada tivesse mudado. Mas os traços étnicos e culturais pre-Romanos tornaram-se cada vez mais fortes. Havia ainda outros grupos heterogénios mais pequenos, como alguns Francos, Bretões, Africanos, muitos deles católicos fugidos do Norte de África onde a instabilidade e o perigo da guerra eram maiores. Ainda de referir os mercadores Gregos e Sírios, os chamados *transmarini negotiators*, que comerciavam artigos orientais e se encontravam bem estabelecidos nas cidades mais importantes. Aqui também existiam Judeus, fortemente implantados nas cidades, que, por vezes, como no caso de Tarragona ficaram conhecidas entre os Árabes como *Medina al Yahud*, cidade dos Judeus.

Porém, a fraqueza do domínio Visigótico era um facto: primeiro devido a diferenças e rivalidades religiosas entre Católicos e Arianos até que Recaredo aceitou o Catolicismo e sempre constantes as lutas entre as diversas facções da nobreza e sua clientela, seguida dos inevitáveis castigos e amnistias (Orlandis 1975). Os diferentes governos visigóticos eram ou excessivamente despóticos ou excessivamente fracos ocasionando longas e sérias crises económicas e sociais, e em muito contribuindo para a o colapso dos sucessivos governos e para a instabilidade e precaridade das populações da Península Ibérica.

No entanto, e necessário se torna dizê-lo, além de todos estes aspectos de instabilidade, a sofisticação, cultura, civismo e hábitos requintados dos habitantes da península eram notáveis e tornaram-se no pano de fundo indispensável para o surgimento do al-Andalus.

### A expansão Islâmica e o domínio da Península Ibérica – al-Andalus

Os pormenores históricos da expansão e domínio Islâmico da Península Ibérica apresentam grandes falhas de informação e certamente que um papel importante terá sido desempenhado pelos pequenos grupos étnicos da população, muitos deles mudando de campo de

acordo com as circunstâncias e interesses de momento, outros fugindo para regiões mais seguras.

Inicialmente os Árabes receberam apoio imediato das comunidades judias radicadas essencialmente nas cidades, de tal modo, que quando existia um grande número de judeus a viver nas cidades sentiam não ter grande necessidade de deixar uma guarnição forte a defender a sua posição, pois os judeus constituíam, na verdade, a melhor guarnição que poderiam desejar. Tal os casos de Córdova, Sevilha ou Elvira. Este facto salienta ainda a habitual má relação entre Judeus e Cristãos. Quando tempos de derrota e fraqueza apareciam entre os Cristãos/Visigodos, os Judeus tomavam sempre o partido do conquistador. Isto poderia também ter acontecido porque os Cristãos tinham começado a perseguir os Judeus com base em antagonismos religiosos.

Embora as lutas daqueles tempos pudessem ter sido cruéis e brutais, e foram-no certamente de ambos os lados, não se notam grandes diferenças consoante estivessem a lutar contra os seus próprios rivais ou os seus inimigos. Quando combatiam, tanto os Cristãos como os Muçulmanos partilhavam a mesma crueldade, e esta era uma característica dos tempos. Mas para além deste aspecto, ambos os povos, em determinados momentos constituíram uma minoria em terras ocupadas. Temos o caso dos muçulmanos quando invadiram e dominaram a Península Ibérica e quando os Cristãos "re-conquistaram" as terras que séculos antes tinham sido cristãs, derrotando os Muçulmanos. Em ambos os momentos encontramos a mesma atitude: primeiro foram os Muçulmanos que aceitaram facilmente outros grupos de etnias e religiões diferentes; séculos depois foram os Cristãos que fizeram o mesmo em relação aos Muçulmanos. Para o equilíbrio social e económico daquelas regiões, a paz e a compreensão entre os povos eram necessárias. As diferentes categorias sociais e sectores da população deviam ter capacidade de continuar com as suas tarefas e os produtos deviam ser distribuídos pelos mercados e populações. Neste sentido um papel muito especial deveria ter sido desenvolvido pelos Moçárabes ou *Musta'rab*, numa primeira etapa já salientada por Herculano e também por Mattoso (1987, 19-34). No entanto o seu papel deveria

ter sido rapidamente atenuado, uma vez que a maior parte da população adoptou o Islão.

A Conquista da Península desenrolou-se em escassos cinco anos após o desembarque de Tarik ben Ziyâde e da derrota de Rodrigo, o rei dos Visigodos, em Janta Barbate, perto de Algeciras. A conquista processou-se rapidamente em três frentes: Tarik, com um exército de 8.000 homens, essencialmente Berberes, dirigiu-se para Toledo e Zaragossa, o próprio Musa ben Nusayr, o *wali* omeiade de Kairouan, na Tunísia, com um poderoso exército de 18.000 homens, essencialmente Árabes e também Berberes avançou pelo centro, conquistando todo o território até Lugo e seu filho 'Abd al-'Aziz pelo Ocidente, pelo território agora português. Estas três frentes vão dar origem, na época califal, às chamadas Marcha Superior, Marcha Média e Marcha Inferior, estabelecendo-se então a fronteira pelo curso do Douro e do Ebro. O Emirato de Córdoba vai ficar dependente directamente do Califa omeiade de Damasco até se tornar num califado autónomo, independente do Califa de Bagdade, desenvolvendo-se num centro civilizacional e cultural ímpar na Europa de então.

Durante o al-Andalus, um ambiente de tolerância e respeito dominou a maioria das regiões e dos membros da sociedade, numa situação provavelmente única na História. Os recém-chegados: Muçulmanos, Berberes, escravos e homens livres e os anteriores habitantes: Ibero-Romanos, Godos, Germanos e Judeus estavam todos empenhados na reconstrução da sua terra e das suas vidas. O Emirato de Córdoba, que já mostrava uma forte autonomia pela segunda metade do século VIII, transformou-se em Califado, independente tanto de Damasco como de Bagdade (Levy-Provençal 1932, 44-61; Sidarus 1986) e ao longo de toda a sua existência foi um tempo de desenvolvimento cultural e de tolerância. Cada grupo podia manter a sua fé, os seus costumes e contactos mesmo fora do seu reino e a língua Árabe tornou-se na língua utilizada por todos. Esta foi a atmosfera predominante até ao século XI.

A sociedade Ibero-Romana anteriormente estabelecida na Península, mas especialmente a do Sul,

apreciava sumamente a sua vida requintada, as suas manifestações culturais, os objectos e tecidos luxuosos que sempre tinham recebido do Oriente. Num certo sentido, eles sempre tinham conseguido manter o seu modo de vida sob o domínio Bizantino e Visigótico e mais tarde sob o domínio Muçulmano. Particularmente atraentes para esta sociedade eram sem dúvida os tecidos delicados, as sedas, as jóias, os instrumentos musicais. Era frequente a presença de músicos e visitantes entre as cortes de então. A circulação de pessoas e bens fazia-se com frequência no Mediterrâneo, era uma característica daqueles tempos e sobre a qual temos muitas referências.<sup>7</sup> Poderemos acrescentar que a 17ª Exposição, de 1994 em Lisboa, nos patenteou vários exemplos desses objectos exóticos e de luxo que ainda chegaram até nós.. De facto, os visitantes daquela Exposição tiveram ocasião de admirar os objectos sofisticados que nos chegaram daqueles tempos. Neste contexto, também é de referir a Exposição mais recente organizada pelo Instituto do Mundo Árabe em Paris, que nos patenteou uma exposição notável sobre *Les Andalusies de Damas à Cordoba* (2000/01) e sobre o requinte e a civilização de al-Andalus, no Ocidente. Iguamente as numerosas escavações efectuadas nos últimos 20 anos<sup>8</sup> vêm também corroborar esta ideia sobre a importância do contributo Islâmico na cultura Portuguesa e Europeia. De salientar a evidência dos contactos frequentes entre o Oriente e o Ocidente e vice-versa que se mantiveram sempre através dos tempos. O desenvolvimento das ciências, nomeadamente a Medicina, a Geometria, a Matemática, a Astronomia, os sistemas de navegação e orientação, a Arquitectura, a Literatura, a Música, a Agricultura, a Irrigação, entre tantas outras, tiveram um desenvolvimento ímpar naquele tempo e estão ainda na base do nosso conhecimento. Os Autores Clássicos, alguns deles completamente esquecidos e afastados da cultura Ocidental por serem obras pagãs, foram-nos trazidos de novo pelos tradutores Árabes.

O papel dos *Moçárabes* ou *Musta'rabs*, os Cristãos que permaneceram como tal sob o domínio Árabe, aparecem profundamente islamizados, falando arábico ou



1. Aldeia dos Mouros.



3. Alcaria Queimada.



2. Aldeia dos Mouros.



4. Alcaria Queimada.

tanto arábico como latim (Menendez Pilar 1976) e o seu número foi ficando cada vez mais reduzido com o passar do tempo. O fascínio das cortes árabes, das suas maneiras cultivadas, do seu conhecimento científico e literário, exercido sobre todos e em todos os aspectos, era enorme. Um bom exemplo é o caso de Sesnando, senhor e conde de Montemor e mais tarde governador de Coimbra. Foi educado pelo rei da *taifa* de Sevilha, na qual se tornou o vizir de Abu-Amr Abbad al Mutabid ibn Muhammad em cerca de 1040-1050. A sua amizade e relacionamento com os Muçulmanos teria sido sempre pacífico se as circunstâncias não o tivessem forçado de outro modo, mas tentou durante toda a sua vida fazer com que os Cristãos e designadamente o rei Alfonso VI de Leão, respeitassem tanto os Moçárabes como os próprios Árabes, nas suas diferenças, crenças e rituais religiosos.

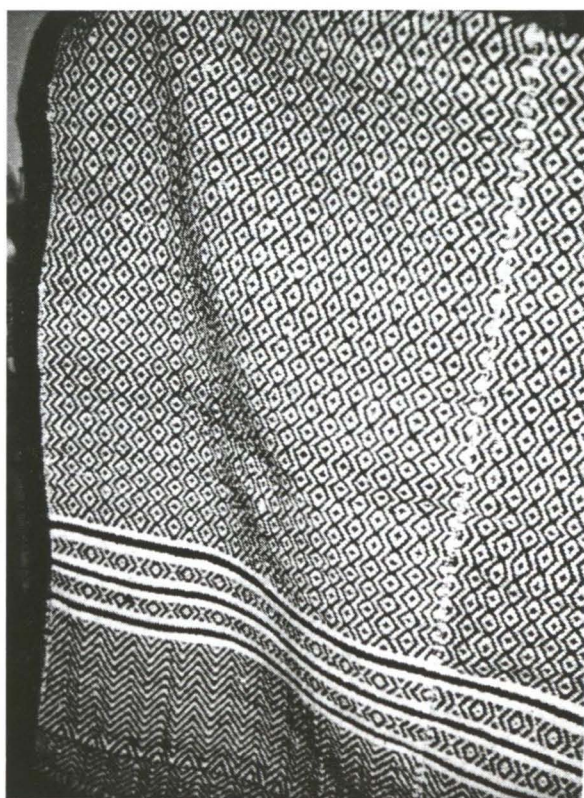
### Evidência da permanência Islâmica, exemplo na Serra do Caldeirão (case-study efectuado na Freguesia de Vaqueiros)

Tendo-se estabelecido no Algarve por mais de quinhentos anos e sendo os últimos invasores da Península, os traços deixados pelos Muçulmanos, sua cultura e hábitos quotidianos deveriam ser muito maiores e mais evidentes. Certamente que a acção da Igreja Católica não será de todo inocente neste processo. Embora nos falte os grandes monumentos da Andaluzia, como os Alhambras de Granada e Sevilha ou a mesquita de Córdova, a sua influência regista-se em alguns monumentos, como alguns castelos e a mesquita de Mértola, na toponímia, na música, na agricultura, nos processos de navegação e orientação pelos astros, na Arqueologia<sup>9</sup> e muito principalmente nos hábitos e costumes da população por-

tuguesa. Até na arquitectura do Manuelino, no século XVI, encontramos traços fortes da influência Árabe, que surge novamente nas correntes românticas dos finais do século XIX e inícios do XX.

A pesquisa arqueológica e antropológica oferece-nos resultados interessantes sobre a permanência de hábitos ancestrais que nos ficaram desses tempos, transportando-nos para práticas e saberes que nos chegaram de então: é o caso da agricultura, da maneira de construir habitações, do processamento da metalurgia, da riqueza dos vocábulos de origem árabe que ainda hoje utilizamos todos os dias. No estudo de caso que efectuamos na Serra do Caldeirão, mais precisamente na Freguesia de Vaqueiros, foi-nos possível detectar alguns destes arcaísmos, que continuam a funcionar e a responder às necessidades da sociedade ali instalada.

O Nordeste Algarvio é uma região rural isolada pelos acidentes geográficos que a rodeiam, onde as mudanças só muito lentamente se instalam. Ali encontramos um povoamento desde a época Islâmica, mais precisamente desde



5. Cobertor tecido nos teares da Aldeia Queimada com desenhos geométricos que encontramos em Mértola e no Mahgreb.

os séculos IX/XI e XII/XIV, assaz importante, disperso por toda a região, em que, a cada povoado ou aldeia actual corresponde uma ruína de um outro povoado, uma Alcaria. Este topónimo persiste, em muitos casos, no povoado actual. A distribuição espacial dos sítios apresenta sempre o mesmo padrão: para cada povoado moderno aparece junto, na maioria dos casos, um povoado Islâmico abandonado datando do século XIV (Mapa 1). Houve como que o comportamento intencional de, com a pressão dos Cristãos nos séculos XIV e principalmente no XV/XVI, mostrar que todos tinham mudado, que eram cristãos. Isto corresponde aos acontecimentos históricos que se desenrolaram então com o crescer da intolerância e o início da perseguição a todos os não-cristãos. A ideia da existência de vastas áreas desertas no interior do território português, o ermamento do território, deverá também ser revista. Na verdade, tanto no Alentejo como no Algarve a evidência arqueológica fala-nos de uma povoamento extraordinariamente contínuo, tanto na distribuição dos povoados como nas suas características e no aproveitamento sustentado de toda a região.

A estrutura social das pequenas comunidades deverá ter permanecido mais ou menos na mesma apenas os nomes mudaram. Este aspecto está particularmente patente na planificação das casas e nas diferentes funções e áreas de cada divisão, na localização da lareira (Fig.s 1 e 2). A escavação de uma das alcarias abandonadas, Aldeia dos Mouros (Fig.s 3 e 4) apresenta idêntica distribuição de fogos e funções que outra estudada sob o ponto de vista antropológico, Alcaria Queimada (Júdice Gamito 1990; 1994), também ela com uma alcaria islâmica junto e abandonada. O próprio nome sugere esse movimento de abandono: a alcaria islâmica ardera e eles tinham-se instalado na zona onde se encontrava a nova, portanto a memória guardou no topónimo a ocorrência: "alcaria queimada". A estrutura familiar mantém-se inalterável tal como a maneira de viver, o seu conhecimento da vida e da morte e do ambiente que os rodeia. Este conhecimento conduziu-os a uma exploração do ambiente equilibrada sem levar à exaustão os recursos escassos de que dispunham. Desenvolveram uma economia de subsistência eficiente e escoando os excedentes nas feiras da região.

Traços de práticas agrícolas, conservação dos alimentos e exploração da terra desde a época islâmica são frequentes. Nestas pequenas comunidades auto-suficientes e bastante isoladas – só agora têm uma rede viária que as põe em contacto – houve sempre uma transmissão de conhecimentos e de antigos comportamentos. O estudo etnográfico da região trouxe-nos a literatura oral, a transmissão de contos de encantar, com mours de rara beleza esperando a vinda de um herói para as libertar do cativo do seu encantamento, o conhecimento de práticas e de uma medicina natural eficaz em todos os tempos.

Esta persistência de hábitos e costumes encontra-se também nos padrões de tecelagem, especialmente dos tapetes e cobertores de lã, tecidos em casa (Fig.5), segundo desenhos geométricos que encontramos também no Mahgreb (Júdice Gamito 1988-91)<sup>10</sup>.

No que diz respeito à forma de construção das casas estas são construídas em pedra de xisto, a pedra característica da Serra. No entanto, no Litoral, encontramos sobretudo a construção em terra a mais vulgarizada, por ser o material mais comum e por o clima o favorecer. Aqui a taipa e o adobe predominam, tal como em todo o Mahgreb.

## A influência Muçulmana na arte Mudéjar

Se nos faltam monumentos como as *alhambras* de Granada, de Sevilha e de outras cidades da Andaluzia, são evidentes as influências da arte Islâmica no Manuelino, nas janelas em *ajimez* e sua decoração, que surgem com frequência nos palácios dos séculos XVI/XVII, como por exemplo o palácio da *Sempre Noiva* (Arraiolos), o *Paço de D. Manuel* (Évora), o *Palácio Cordovil* (Évora), a *Igreja de S. Brás* (Évora) (Haupt 1985). De referir o aparecimento do *azulejo*, como elemento decorativo na arquitectura portuguesa e que surge também a partir dos azulejos hispano-árabes (Júdice Gamito 2004) que D.Manuel importou directamente de Sevilha quando visitou a cidade pela primeira vez.

A arte *Mudéjar*, que apenas sumariamente evocamos aqui, surge portanto já tardiamente com forte influência Árabe, em tempos cristãos e o que vemos hoje tanto no

alhambra de Granada como no de Sevilha, são elementos construídos na sua maioria, já em período mudéjar. Consiste na associação de diferentes elementos arquitecturais como o uso de arco abatido ou em ferradura, constituindo a moldura de portas e janelas, o *ajimez*, que por vezes apresenta um pequeno colunelo ao centro, tornando-se portanto uma janela com duplo arco, e de outros elementos como o trabalho em gesso, os pátios forrados de arcarias e "panos" decorados em gesso, coando a luz, os azulejos hispano-árabes. No caso de Sevilha foram artistas de Granada, da época Nasrid, contratados expressamente por Pedro, o Cruel, para reconstituírem o palácio. Em Granada foram artífices contratados, de Marrocos no final do século XIX, para restaurar o Alhambra. Encontramo-los com frequência na arquitectura do século XVI em Portugal, como referimos atrás, sendo exemplar no *Palácio da Vila*, em Sintra. O uso de *alfarges*, os tectos em madeira formando complexos elementos geométricos em caixotão, é também uma característica da arte islâmica transportada para a arquitectura portuguesa da época, como vemos claramente nas igrejas da Madeira, nomeadamente na sé do Funchal, por terem sofrido menos danos que as do continente.

No final do século XIX princípio do XX surge novamente uma arte islâmica associada ao Romantismo e ao revivalismo de ambientes orientalizantes, tão ao gosto da época, e são abundantes as suas manifestações em edifícios públicos e privados, como o Hotel do Bussaco ou o Palácio da Pena.

O al-Andalus foi uma época e uma região única na Europa de então, e diríamos do mundo, pois não se manifestou em qualquer outro lugar, e que, mercê do contexto onde surgiu e das influências que captou, adquiriu as características que lhe conhecemos. Aqui se desenvolveu uma sociedade culta e requintada, tolerante na medida das circunstâncias e da época, onde Cristãos, Árabes e Judeus conviveram e se entenderam.

## Notas

<sup>1</sup> Este trabalho é o resultado da comunicação apresentada na AAP sobre o projecto que desenvolvemos no âmbito da JNICT sobre *O Nordeste Algarvio*, aspectos de uma economia de subsistência e em parte inspirado na reflexão que o Al-Andalus nos tem conduzido.

<sup>2</sup> Esta designação englobava não só o Algarve actual, mas se estendia também até à região de Huelva bem como mais tarde o Algarve marroquino, a região a norte de Rabat, daí, certamente, o uso do plural que aparece sempre associado aos reis de Portugal..

<sup>3</sup> Fernando de Almeida, 1962, *Arte Visigótica em Portugal, O Arqueólogo Português*, III Série, pag. 33.

<sup>4</sup> Oliveira Marques, 1964, *A Sociedade Medieval Portuguesa* e, também, do mesmo autor, 1982, *História de Portugal*.

<sup>5</sup> Interessante referir que o apelido de *Cesário* ainda existe como apelido de família no Algarve, especialmente em Tavira.

<sup>6</sup> Goubert, 1950, *Le Portugal Byzantin*, *Bull. Études Portugaises de I.F.P.*, XIV, Coimbra, 281.

<sup>7</sup> Tal como referimos aqui, e também em outros investigadores, como por exemplo em R. Arié, 1986, também em, 1973 e 1982; Garcia Domingues, 1986, ou Lopez, 1986.

<sup>8</sup> A maior parte da responsabilidade de Claudio Torres, o grande precursor, de Teresa Júdice Gamito, que também se começou a dedicar à época Islâmica pouco depois, e tantos outros em seguida.

<sup>9</sup> Todos estes aspectos foram focados em trabalhos de diversos investigadores, entre os quais citamos: na Linguística, Lindley Cintra, 1983; na Antropologia, Leite de Vasconcellos e Viegas guerreiro, 1958; na Agricultura, Orlando Ribeiro; na Música Giacometti, Gustavo Marques e Lopes Graça; na História, A. Herculano ainda no século XIX, Oliveira Marques 1980 e 1990, Mattoso 1983 e 1990, Borges Coelho 1970-74; na Arqueologia, Torres, em Mértola, 1984, Macias, 1996; Júdice Gamito, no Algarve, 1987, 1990, 1994; na Arquitectura Alegria 1984 e 2002. De referir entre os investigadores estrangeiros Christoph. Picard, 2000, e Pierre Guichard também em 2000.

<sup>10</sup> Neste caso, o projecto de investigação etno-arqueológico da autora na Serra do Caldeirão, no âmbito do Programa Praxis e no Ministério da Ciência.

<sup>11</sup> Este aspecto é interessante sublinhar, pois a semelhança de padrões é de facto enorme em regiões do Médio Atlas, em Marrocos.

## Bibliografia

### 1. Fontes Clássicas

#### 1. Fontes Clássicas:

*Chronicle CaesarAugustana*

*Lex Romana Visigothorum*

*Fontes Hispaniae Antiquae, IX* (ed. Grosse, 1947)

*Martini Episcopi Bracaraensis Opera Omnia* (ed. C.W.Barlow, 1950, New Haven)

*Historia Gothorum Wandalorum Sueborum*, Isidoro of Sevilla

### 2. Islamic and Mozarabe Sources

Idrisi, *La première Géographie de l'Occident*, translated into

French by Chevalier Jaubert, Paris, Flammarion

*Ajbar Machmua* (ed. Lafuente Alcantara, Madrid, 1867)

*Corpus Scriptorum Muzabicorum* (ed. Juan Gil, 1973)

### 3. Geral

ALEGRIA, J., 1984, *Arquitectura em terra*, Silves

IDEM, 2002, *A Geoarquitectura na Revivificação do Património Cultural de Marrocos e Portugal – casos recentes de sucesso*, *Património Islâmico dos Centros Urbanos do Algarve: contributos para o futuro*, Faro, CCRAAlg., 10-24

ALMEIDA, F., 1962, "Arte Visigótica em Portugal", *O Arqueólogo Português*, IV, Lisboa

IDEM, 1972-74, "Torre de Palma (Portugal), a basílica paleocristiana e visigótica", *Arq.Esp. Arq.*, 45-47, Madrid, pp.103-112

ARIÉ, R., 1973, *L'Espagne musulmane au temps des Nasrides*, Paris

IDEM, 1982, *España musulmana (siglos VIII-XV)*, Barcelona

IDEM, 1986, "Notes sur les échanges culturels entre Al-Andalus et l'Orient musulman au Bas Moyen Age", *Cong.Estudos Islâmicos*, ed. A. Sidarus, Évora, pp.133-146

BORGES COELHO, A., 1972-1974, *Portugal na Espanha Árabe*, Lisboa, Seara Nova, 4 vols.

GARCIA DOMINGUES, J.D., 1986, "Presença Árabe no Algarve", *Cong.Estudos Islâmicos*, ed. A. Sidarus, Évora, pp.113-130

GIL, J., 1973, *Corpus Scriptorum Muzabicorum*, Ph.D. Dissertation, Univ. of Sevilla

GOUBERT, P., 1950, "Le Portugal Byzantin", *Bull. des Etudes Portugaises de l'Institut Français au Portugal*, XIV, Coimbra

GUICHARD, P., 1976, *Al-Andalus. Estructura antropológica de una sociedad islámica en Occident*, Barcelona, Barral

Guichard, P., 2000, *Al-Andalus, 711-1492*, Paris, Pluriel

HAUPT, A., 1985, *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*, Lisboa, Presença (1st edition:1890 and 1895, *Die*

- Baukunst der Renaissance in Portugal*, Frankfurt, M. Heinrich Keller)
- HERCULANO, A., ed. 1980-1982, *História de Portugal*, c. notas críticas de J. Mattoso, Lisboa, Beltran, 4 vols.
- JÚDICE GAMITO, T., (1988-1991), *O Nordeste Algarvio - persistência de formas de povoamento e de economia de subsistência*, (Estudo etnoarqueológico e Projecto de Investigação subsidiado pela JNICT), (in press)
- IDEM, 1990, "Aldeia dos Mouros versus Alcaria Queimada", *Arqueologia Hoje-1*, ed. T.Júdice Gamito, Universidade do Algarve, pp.266-281
- IDEM, 1994, "O povoamento Islâmico da Serra do Caldeirão - o caso da Aldeia dos Mouros (Vaqueiros, Alcoutim)", *Arqueologia em torno del Bajo Guadiana*, ed. J. Campos, J. Aurelio Pérez e F. Gomes, Huelva, pp.545-563
- IDEM, 1996, "As muralhas de Faro e os vestígios Bizantinos da ocupação da cidade e do seu sistema defensivo", *Homenagem ao Prof. Bairrão Oleiro*, Univ. Nova de Lisboa, Colibri, pp.259-268
- IDEM, 2003, *Les réservoirs de l'eau a l' époque islamique en Algave*, Portugal, École Française à Rome, (in press)
- IDEM, 2004, "The most western part of Al-Andalus (ancient kingdoms of Portugal and the Algarve)", *The Cultural Symbiosis of Al-Andalus*, ed. Saana Osseiran, UNESCO, Beirut (in press)
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. and M. Viegas GUERREIRO, 1958, *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, v.IV
- LINDLEY CINTRA, L.F., 1983, *Estudos de dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa
- LOPEZ, J.E., 1986, La cultura del mundo arabe en textos latinos hispanos del siglo VIII, *Cong.Est. Islâmicos*, ed. A.Sidarus, Évora, 253-271
- MACHADO, J.P., 1991, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Lisboa, Ed.Notícias
- MACIAS, S., 1996, *Mértola Islâmica*, Campo Arqueológico de Mértola
- MATTOSO, J., 1983, *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento* (Catálogo do Núcleo da Madre de Deus da XVII Exposição Europeia d Arte, Ciência e Cultura), Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros
- IDEM, 1983, *Identificação de um País*, Lisboa,
- IDEM, 1987, *Fragmentos de uma composição medieval*, Lisboa, Estampa
- MENÉNDEZ PIDAL, R., 1976, *Orígenes del Español, Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Madrid, 7ª ed.
- OLIVEIRA MARQUES, A.H., 1964, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa
- IDEM, 1982, *História de Portugal*, Lisboa, Palas, v.I
- ORLANDIS, J., 1975, *História Social y Económica - La España Visigoda*, Madrid
- PICARD, Chr., 2000, *Le Portugal Musulman (VIIIe-XIIIe siècle)*, Paris, Maisonneuve Et Larose
- RIBEIRO, O., 1968, *Introduções geográficas á História de Portugal*, Lisboa, Imprensa nacional
- SARAIVA, A.J., 1979, *Época Medieval Portuguesa*, Lisboa, Inst. da Cult. Port.
- SIDARUS A., 1986, *Congresso de Estudos Islâmicos*, Universidade de Évora
- SIMONET, F.J., 1897-1903, *História de los mozárabes de España, Mem. Real Ac. Hist.*, Madrid
- TORRES, C. and L.A.da SILVA, 1989, *Mértola*, Mértola, Campo Arq. de Mértola
- VIVES, J., 1963, *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Barcelona-Madrid



Associação  
dos Arqueólogos  
Portugueses